

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR¹

*Josiane Patricio dos Santos**
*Marta de Almeida Lopes***
(Universidade Estadual de Maringá-CRV)

Resumo: Uma das dificuldades que vem afetando o ambiente escolar e dificultando o processo de ensino e aprendizagem nos dias atuais é a indisciplina. Pesquisas bibliográficas e a vivência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido no curso de História, Campos Regional do Vale do Ivaí (CRV), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), estamos vivenciando a realidade do ambiente escolar. Fizemos as leituras bibliográficas e acompanhamos o desenrolar das atividades na escola. A presente artigo objetiva mostrar como a indisciplina tornou-se o maior obstáculo pedagógico da atualidade para que haja a transmissão do conhecimento. Utilizamos como fontes principais obras –como Hayek “Direito, legislação e liberdade” que aborda questões referentes a formações de valores; a filósofa Hannah Arendt que observa como o abandono das tradições provocou uma crise na educação e acabou por influenciar as relações de ensino, e, Aquino, Silva e Tailler que dedicam um amplo estudo sobre as causas da indisciplina em sala de aula.

Palavras-chave: Valores; ensino; indisciplina.

INTRODUÇÃO

O ensino escolar enfrenta vários obstáculos para sua efetivação com qualidade, sendo o principal deles, a indisciplina presente na maioria das instituições de ensino. Essa problemática se encontra tanto nas escolas da rede pública quanto nas instituições privadas. Os professores ao tentar iniciar o conteúdo acabam perdendo tempo tentando colocar ordem na turma.

Este artigo tem como objetivo fazer algumas considerações sobre as principais causas geradoras da indisciplina em sala de aula, bem como ressaltar algumas mudanças no âmbito pedagógico e na transição de valores que ocorreram com o passar do tempo. Nossa análise partirá da discussão teórica bibliográficas de autores como Hayek e Arendt, que nos apresentam como as mudanças das normas e dos valores acabaram por influenciar o modo

¹Este artigo é fruto de um trabalho desenvolvido para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Maringá – CRV.

como a educação passou a ser vista. Utilizamos autores como Aquino, Silva e Tailler.

INDISCIPLINA COMO QUEBRA DE VALORES

Por centenas de anos as regras e normas de comportamento permearam a sociedade e a evolução não se deu de acordo com os interesses dos indivíduos, mas por serem valores que melhores se adaptaram ao contexto nos quais os mesmos estavam inseridos. Por meio do comportamento cultural ocorre a transmissão dos valores morais. Como observa Hayek: A sociedade é uma criação do Homem, mas não de uma forma intencional e sim de uma forma acidental, ela é resultado das ações espontâneas, individuais, mas não deliberadas. Portanto, o homem segue muitas vezes normas que desconhecem sua origem, “mas que também ocorre em domínios como o da conduta, da moral e do direito e na execução de muitas tarefas, em que somos orientados por normas que sabemos observar, mas somos incapazes de verbalizar” (HAYEK, 1985, p. 16). Nesse sentido, elas alcançam seus objetivos de forma espontânea, orientadas por esses valores que são produto da experiência de gerações.

No final do século XIX ocorreu uma reviravolta na forma de se compreender esses valores inerentes à sociedade. Para Hayek, foram sociólogos, antropólogos, historiadores e psiquiatras, principalmente estes últimos, que passaram a defender a cura das “pessoas por meio da liberação de seus instintos inatos”, passando a influenciar profundamente “na educação”. Nas palavras do economista: “Sigmund Freud tornou-se provavelmente o mais terrível destruidor da cultura”. A psicanálise de Freud objetivava “anular as repressões culturalmente adquiridas, liberando os impulsos naturais, desencadeou o mais fatal ataque ao alicerce de toda a civilização” (Hayek, 1985, p. 187). Atualmente é possível notar o resultado dessa educação “permissiva”, são indivíduos que se recusam a respeitar hierarquias, rejeitando conhecimentos que nunca assimilaram. É a abertura “para a irracionalidade, as

práticas não científicas e o abandono dos conteúdos escolares” (Hayek, 1985, p. 187).

A psicanálise de Freud teve sua origem voltada para a resolução de problemas “psíquicos”, não podendo ser referenciada como uma teoria da educação. Segundo Cunha, “Freud não se dedicou a analisar a escola e o trabalho do professor, embora tenha abordado questões educacionais em alguns de seus escritos” (CUNHA, 2008, p. 1). Mas suas teses foram adotadas por inúmeros professores que buscavam uma nova maneira de ensinar. Ainda segundo Cunha, “a psicanálise encaminha o educador na direção do conhecimento das limitações do processo pedagógico, tornando-o uma pessoa menos obcecada pela imposição de seus pontos de vista, suas verdades, seus valores morais, seu desejo de ordem e disciplina”. (CUNHA, 2008, p.9). O que acabou por anular o professor, enquanto uma autoridade detentora do saber “incontentável”, o mestre passa a ser menos repressivo, no que diz respeito à disciplina de seus alunos. Passando a ser um mero coadjuvante no processo de ensino.

Seguindo o mesmo caminho assinalado por Hayek, Hannah Arendt (1961), no texto, “A crise na educação”, parte da coletânea entre o passado e o futuro, também parte da premissa de que o mundo passa por uma crise, que perpassa desde os sistemas políticos, tanto quanto culturais, o que acaba por influenciar a maneira de ser efetivada a educação.

Com o advento da modernidade ocorreu um “entusiasmo por tudo aquilo que é novo”, a sociedade em geral passou a defender a igualdade entre seus membros e estes elementos somados ao aparecimento de diferentes teorias pedagógicas, acabaram por intensificar a crise. Segundo Arendt, essas didáticas modernas revolucionaram “todo o sistema de educação sob a bandeira do progresso”. Essas diversas pedagogias resultaram na substituição das disciplinas a serem ensinadas. Gerando uma “transformação completa no que diz respeito às tradições e aos métodos estabelecidos de ensino e de aprendizagem”. (ARENDR, 1961, p. 4).

Ainda segundo Arendt:

Deste modo, o que faz com que a crise da educação seja tão especialmente aguda entre nós é o temperamento político do país, o qual luta, por si próprio, por igualar ou apagar tanto quanto possível a diferença entre novos e velhos, entre dotados e não dotados, enfim, entre crianças e adultos, em particular, entre alunos e professores. É óbvio que este nivelamento só pode ser efetivamente alcançado à custa da autoridade do professor e em detrimento dos estudantes mais dotados. (ARENDR, 1961, p. 5).

Nesse sentido, para Arendt, a crise na educação é resultante da crise de autoridade e tradição. Para ela, a autoridade é indispensável nas relações privadas, no que diz respeito à criação das crianças e sua educação. Nesse caso o sentido de autoridade não se refere à coerção, mas como sendo a transmissão de valores éticos e morais em uma sociedade. E para que a educação seja efetivada devem-se preservar as tradições, sendo que o professor é um transmissor dessas tradições referentes ao conhecimento. Diante disso, é de fundamental importância que os alunos vejam o docente como uma autoridade, já que é por meio desse respeito que o trabalho pedagógico se efetivará com maior qualidade, sendo de certa forma um antídoto contra a indisciplina.

A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA

O ambiente escolar ao longo dos anos vem passando por diversas transformações que implicam no processo de ensino e aprendizagem. A cada dia que passa as divergências entre professores e alunos se agravam. A sala de aula que antes se constituía um lugar de saber e de aquisição de conhecimento, hoje se mostra como um desafio para o professor, pois é nela que a indisciplina se faz presente. Segundo Silva, a indisciplina pode se apresentar de diversas formas.

“O conceito de indisciplina é susceptível a múltiplas interpretações. Um aluno ou professor indisciplinado é, em princípio, alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma explícita ou implícita sancionada em termos escolares e sociais.

Estes desvios são, todavia, denominados de forma diferente conforme se trate de alunos ou de professores. Os primeiros são apelidados de indisciplinados, os segundos de incompetentes". (SILVA, 2003, p.10).

A indisciplina é basicamente a ausência do seguimento de normas e condutas propostas pelo ambiente escolar e social, normas e regras que são estabelecidas visando à da sala de aula e do cotidiano escolar. Contudo, muitos alunos quebram essas regras o que ocasiona um déficit de aprendizagem tanto para eles mesmos quanto para os demais alunos, o que posteriormente refletirá no ambiente social.

Os professores enfrentam diariamente desafios, que muitas vezes os deixam com a sensação de não estarem cumprindo com suas obrigações, ou aptos ao trabalho docente, e um desses desafios é a indisciplina. Muitos docentes sentem-se humilhados uma vez que, a maioria dos alunos não presta atenção nas aulas, e nem mostram interesse pelos conteúdos ministrados, dessa forma, as aulas passam a ser sinônimo de descontentamento, tanto para o aluno quanto para o professor. Além disso, muitos alunos manifestam-se de forma violenta, por meio de agressões físicas ou verbais, ou simplesmente com conversas paralelas e alteração no tom de voz.

O ambiente escolar muitas vezes é reflexo da sociedade, os alunos levam para sala de aula não somente costumes, mas também condutas que norteiam suas vidas. A escola é um ambiente que está direcionado a formar cidadãos qualificados e atuantes que possam prosperar. Assim de acordo com Taille:

“Somente resta à escola uma solução: lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos”. (TAILLE, 1996, p. 23).

O ambiente escolar é uma via de mão dupla, um lugar onde os alunos adquirem e também compartilham conhecimentos mas, para que isso ocorra, é preciso que haja uma colaboração entre o docente e o discente.

Por sua vez, segundo Aquino, no início do século XX a disciplina fazia parte do contexto escolar que era permeada por regras de comportamento. O professor era visto como uma autoridade a ser respeitada. “As relações escolares eram determinadas em termos de obediência e subordinação.” (AQUINO, 1996, p. 43). Tanto no interior das classes quanto no intervalo era exigido que os discentes se comportassem de forma que não fizessem alardes.

Com o crescente desenvolvimento tecnológico do país, ocorreu também uma mudança na forma em que era aplicada a educação, conforme afirma Aquino, “com a crescente democratização política do país e, em tese, a desmilitarização das relações sociais, uma nova geração se criou” (AQUINO, 1996, p.43). Essa nova geração se despreendeu das antigas normas de comportamento, os alunos não mais se submetem às regras, estes passam a questionar e criticar a forma de ensino, que passou a ser mais democrático. Com as novas metodologias de ensino as aulas tornaram-se mais dinâmicas, centradas nas atividades dos alunos, o professor passou a ser um mediador do conhecimento. A criança deve aprender tudo por meio de brincadeiras, sem qualquer regra imposta. Tendo como resultado crianças incapazes de articular conhecimentos.

Com essas novas pedagogias o professor passa a não ser mais visto como uma autoridade, mesmo porque para que os discentes o respeitem como tal, é necessário que possuam alguns antecedentes morais adquiridos antes da escolarização, como respeito às regras comuns, responsabilidades, solidariedade, reciprocidade, etc. Valores estes que se fazem ausentes, na maioria dos jovens da atualidade, estes são agressivos, rebeldes, indiferentes, sem limites, tratam os docentes com desrespeito. O professor ao invés de se dedicar a resolução das adversidades pedagógicas tem que lidar, também, com os problemas morais de formação dos alunos.

Contudo o papel do professor é o de instruir os alunos e não de educá-los, a educação moral deve ser efetivada no ambiente familiar, essa lógica parece que foi quebrada, já que a escola tem sido apontada como “disciplinadora”. O professor tem dedicado mais tempo a questões de cunho moral do que com questões metodológicas de ensino.

Essa mudança está levando o ensino à beira de um colapso já que os professores passam mais tempo tentando disciplinar os alunos do que passar o conteúdo pertinente à Disciplina. É constante na sala de aula alunos rebelde, desatento, inquieto, intransigente, etc., incapazes de se concentrarem nos conteúdos ministrados que lhes darão certos méritos. São jovens que não conseguem realizar atividades que requerem disciplina, sem disposição para o aprendizado o que acaba por deixá-los para trás no crescente mundo globalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao voltarmos nossos olhos para a história da humanidade notamos que com o passar do tempo à sociedade vem se degradando cada vez mais. E isso se dá, em grande parte, pela substituição de valores morais que deram certo por novos valores que nem sempre atendem a perspectiva de quem os criou.

Um dos diversos reflexos da substituição dos valores tradicionais por novos é a indisciplina, que está inserida no contexto escolar. Os alunos estão sendo cada vez mais envolvidos nessa onda de mudanças, sendo elas um dos principais alvos de diversas transformações sociais. E o ambiente escolar precisa de regras e normas orientadoras para seu funcionamento e melhor convivência entre os diferentes elementos que nele atuam.

Podemos concluir que a indisciplina faz parte do contexto escolar. Os alunos cada vez mais são tomados por uma falta de controle emocional. Eles se veem dispostos a agredir verbalmente seus colegas e professores, enquanto os últimos são vistos por eles como seus pares. Devido a essa intolerância, os jovens acabam rompendo com os as regras estabelecidas.

Nessa perspectiva, a falta de disciplina acaba por afetar a finalidade da escola no que concerne ao desenvolvimento do ensino e aprendizagem. A educação não deve ser responsabilidade da escola, mas deve ser do seio familiar, pois é lá que se inicia a formação dos alunos. Infelizmente essa lógica tem sido quebrada e cada vez mais as escolas estão tendo que assumir o papel de educadoras de seus alunos o que está refletindo na qualidade da instrução escolar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sumus, 1996.

CECCON, C. **Conflitos na escola**: modos de transformar, dicas para refletir e exemplos de como lidar. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

CUNHA, M. V. **Psicologia da educação**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

HAYEK, F. A. **Direito, Legislação e Liberdade**. São Paulo: Visão, 1985.

MOREIRA, Armindo. **Professor não é educador**. Cascavel, 2012.

RUOTTI, C. **Violência na escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep, 2007.

SILVA, Luciana Leite. **Indisciplina em sala de aula**. Rio de Janeiro, 2003.

Disponível em:

<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/LUCIANA%20LEITE%20SILVA.pdf>

Acesso em: 06 out. 2015.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.